

## Primeiras Aprendizagens: alguns aspectos relevantes

Margarida César<sup>(1)</sup>

As primeiras aprendizagens são um tema que tem preocupado os educadores durante as últimas décadas. Por um lado, sabe-se que os primeiros anos de vida são períodos marcados por uma grande plasticidade dos diversos sistemas, logo por uma enorme capacidade de aprendizagem; por outro lado, o alargamento da escolaridade (para todos, desde mais cedo e até mais tarde) e a crescente necessidade de especialização, adaptação e reciclagem criaram problemas novos com que os educadores se debatem hoje em dia, e que levam a uma reconceptualização do que são as aprendizagens que desejamos que os nossos alunos façam e, paralelamente, que se efectuem nos primeiros anos de vida.

Portugal é um dos países onde a escolaridade obrigatória só começa no 1º ciclo do ensino básico. Como tal, sendo a escolaridade anterior facultativa e não gratuita, há ainda uma vasta camada da população que não a frequenta e que tem os seus primeiros contactos com a escola apenas quando entra para o primeiro ano da escolaridade obrigatória, no ano em que completa os 6 anos de idade. Assim sendo, quando as crianças entram na escolaridade obrigatória, as primeiras aprendizagens já foram realizadas em meios muito diferentes, o que aumenta o fosso sócio-cultural entre elas. Dizer que todos são iguais e têm iguais possibilidades de atingir o sucesso escolar nos primeiros anos de escolaridade obrigatória é, sem dúvida, uma afirmação bastante irrealista e utópica se pensarmos na realidade portuguesa.

Quando o bebé começa a explorar o mundo que o rodeia, as primeiras aprendizagens que realiza são de tipo sensorio-motor, ligadas a uma inteligência eminentemente prática, a esquemas de acção sobre esse mesmo mundo, que a criança quer conhecer e dominar. Nestas primeiras aprendizagens a imitação de modelos tem um papel preponderante e a influência do meio sócio-cultural em que a criança está inserida é fundamental. O que é pertinente e necessário aprender em determinados meios não o é noutros, para além de que a própria linguagem oral que a criança aprende nestes anos é também um produto cultural.

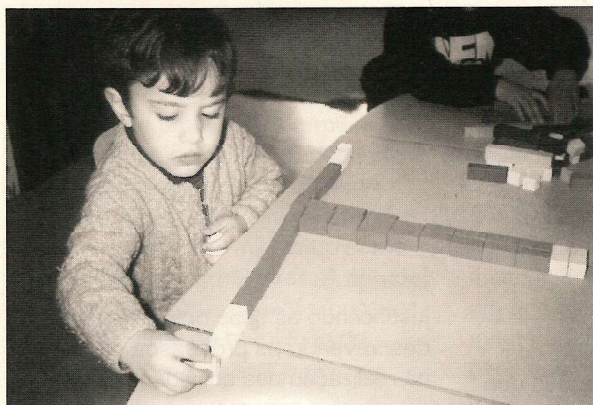
A partir do momento em que a criança tem a capacidade de representação, ela é capaz de prever efeitos sem realizar as acções e é capaz de ter imagens mentais sobre acontecimentos que fazem parte do seu quotidiano. É o período em que a linguagem se desenvolve de uma forma mais acelerada, em que ela começa a construir frases, a alargar o seu vocabulário, a ter uma capacidade cada vez maior de comunicar verbalmente e de compreender o que lhe é dito. No entanto, não podemos conceber a criança como um adulto em miniatura, ao qual só falta alguma experiência de vida. A criança tem formas de pensamento que são diferentes das do adulto e tem uma compreensão do mundo de acordo com as suas capacidades cognitivas e com as relações sócio-afectivas que com ele estabelece. Como dizia João dos Santos, provavelmente um dos educadores portugueses que melhor compreendia as crianças e o modo

como elas funcionavam, durante os primeiros anos de vida, a criança estabelece com os adultos uma conversação que é fundamentalmente de tipo afectivo. Ela não precisa de compreender tudo o que o adulto lhe diz para ter vontade de continuar a falar com ele, ela quer essencialmente ser escutada e tranquilizada quanto às necessidades de amor e atenção que tem. Neste período, se falarmos com a criança num tom amigável e carinhoso, ela tenta manter o contacto e é capaz de dar respostas que podem levar um adulto menos preparado para a compreender a julgar que a criança percebe aspectos do seu discurso pessoal (e distorcido, segundo as intenções originais do adulto).

Mais tarde, quando a criança tem já uma capacidade operatória mais desenvolvida, quando já tem hipóteses de resposta para as questões que levanta, ela já não se contenta com qualquer resposta que o adulto lhe dê. Nesta fase, a criança espera que o adulto seja capaz de responder às suas dúvidas e de perceber os seus raciocínios, mesmo quando ela só os consegue explicar de uma forma que, ao adulto, parece pouco clara.

É neste diálogo de mundos e capacidades tão diversas que se constroem as primeiras aprendizagens. As crianças têm capacidades muito diferentes entre si, quando contactam com os seus pares, mas têm capacidades ainda mais diversas das dos adultos e pares mais competentes, que lhes transmitem muitos dos conhecimentos e competências que elas vão interiorizar. Felizmente, todas

(1) Um agradecimento especial para a Ana Esgalhado, com quem colaborei em várias investigações, e que nas nossas conversas foi uma fonte de inspiração para este artigo.



*"Agora vou fazer igual deste lado..."*

as crianças aprendem muitas coisas que ninguém lhes pensou ensinar. Mas, apesar disso, muitas das primeiras aprendizagens não deixam de estar sujeitas a escolhas, mais ou menos deliberadas, que são feitas pelos adultos que rodeiam as crianças e que põem à sua disposição determinados tipos de modelos, de experiências, de vivências. Deste modo, as primeiras aprendizagens são fortemente influenciadas pelo meio familiar da criança, pelo meio sócio-cultural em que ela se insere e pela escola que ela frequenta.

Há pouco tempo, uma mãe que me tinha contactado preocupada com o modo como o seu filho iria ser capaz de se integrar no primeiro ano de escolaridade obrigatória, conversou comigo alguns dias depois e disse-me uma frase extraordinária: "Ele pode ser o mais pequenino e haver outros maiores que às vezes lhe batem; pode nem sempre conseguir pintar dentro das linhas; mas quando o vi na escola ele tinha um ar tão feliz, que eu fiquei mais descansada." Depois, falámos sobre o que eram estes primeiros tempos de escola, não isentos de esforço e trabalho, por parte da criança, e foi nítido como uma das grandes componentes das primeiras aprendizagens são os aspectos afectivos. Quando entram para a escolaridade obrigatória, as crianças precisam de aprender a ler, a escrever, a fazer operações matemáticas, a ter conhecimentos sobre o meio físico, etc. Mas precisam, sobretudo,

de se familiarizar com um local onde vão passar imensos anos da sua vida futura, com um local onde irão construir não apenas conhecimentos e competências, mas hipóteses de percursos de vida diferentes.

As primeiras aprendizagens são importantes do ponto de vista cognitivo, porque podem ajudar a

criança a desenvolver realmente as suas potencialidades, mas são extremamente relevantes do ponto de vista afectivo, pois são elas que vão fazer a criança ter, ou não, uma boa relação com a escola e com os saberes e competências que ela pretende transmitir.

As primeiras aprendizagens necessitam de não destruir a espontaneidade da criança, de lhe transmitir a sensação de ser apreciada, de a ajudar no alargamento da sua socialização, de contribuir para a construção de uma auto-estima positiva e de a tornar um ser progressivamente mais autónomo e responsável em relação às aprendizagens que realiza. Isto exige educadores bem preparados, que sejam capazes de estabelecer metas cognitivas a atingir, mas que percebiam que esses objectivos não podem justificar que o desenvolvimento integral das crianças seja prejudicado pelo cumprimento de programas ou pelo esquecimento de que cada indivíduo é um ser único, que necessita de tempo e espaço para desenvolver plenamente as suas potencialidades, e que os ritmos de actualização dos conhecimentos e competências são muito variáveis.

A Escola deve aprender a valorizar mais os conhecimentos com que as crianças chegam, a criar pontes entre o mundo das crianças e o que ela pretende ensinar e a potencializar o desenvolvimento de cada criança. No primeiro ciclo, o facto de cada professor ter só uma turma propicia o

estabelecimento de uma relação mais estreita e um melhor conhecimento de cada aluno. Por outro lado, a gestão do programa é muito mais flexível, pois os alunos estão com o mesmo professor num período mais longo de tempo, que permite planificar já a médio prazo. Porém, para que estas vantagens possam ser bem aproveitadas é necessário que os professores reflectam sobre o modo como os alunos aprendem, sobre as capacidades que eles têm nestes níveis etários e sobre o que eles consideram prioritário que seja aprendido nestes primeiros anos.

Vários estudos mostram que crianças de meios sócio-culturalmente desfavorecidos são capazes de demonstrar competências matemáticas notáveis em situações de vida real, mas que são incapazes de ter uma competência semelhante quando confrontadas com situações de sala de aula que fazem apelo para o mesmo tipo de capacidades. A falta de contextualização existente nas actividades de sala de aula, associada às baixas expectativas de sucesso escolar destas crianças fazem com que elas não sejam capazes de utilizar as capacidades que possuem. Para estas crianças, a Escola é vista como um instrumento penalizador e não como um meio onde podem desenvolver as suas potencialidades, e este é um dos aspectos que mais devemos ser capazes de evitar quando pensamos nas primeiras aprendizagens. Provavelmente, uma das primeiras aprendizagens que os nossos alunos deviam fazer é que a Escola é um local onde eles são apreciados, onde podem integrar-se com prazer, onde podem aprender sem deixar de ser criativos, onde podem desenvolver potencialidades. A reflexão sobre os conteúdos a ensinar só faz sentido se estas primeiras prioridades estiverem garantidas à partida.

Margarida César,  
Professora de Psicologia da  
Educação,  
Departamento de Educação -  
Faculdade de Ciências da  
Universidade de Lisboa